

# 100 DIAS

## O CÉU É O LIMITE

*Para Washington, sucesso do governo Fernando Henrique depende da realização das reformas*

PAULO SOTERO  
Correspondente

**W**ASHINGTON — O tom duro em que o subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, Larry Summers, perguntou ao ministro do Planejamento, José Serra, sobre a elevação de tarifas anunciada em Brasília na semana passada, resumiu a perplexidade que a medida produziu nos meios oficiais e privados americanos. A conversa, realizada numa sala do Hotel Holiday Inn de Jerusalém, na terça-feira, não durou mais do que 15 minutos e, em parte por isso, acabou se concentrando nas notícias ruins da fase de decolagem da administração Fernando Henrique.

No dia seguinte, Summers classificou a discussão com Serra de "muito positiva" e disse que saíra dela "com uma melhor compreensão do que tinha antes" (sobre as decisões do governo para preservar o programa de estabilização) e "da complexidade política em que a administração

Cardoso esta operando". O alto funcionário americano disse que "o céu é o limite" se FH conseguir levar adiante seu programa de reformas. A expectativa continua francamente favorável, como sugere a declaração do alto funcionário americano.

Mas o governo terá de fazer um esforço de esclarecimento mais intenso e articulado do que fez nos seus cem primeiros dias se quiser manter o capital de simpatia e boa disposição com que a chegada de Fernando Henrique foi recebida em Washington, Wall Street e outros centros de decisão econômica dos EUA. A mudança do eixo da política econômica imposta pela crise do México e os tropeços políticos das primeiras semanas suscitaram nos meios americanos interessados no Brasil as mesmas inquietações de brasileiros bem informados que votaram em FH e apostam no êxito de seu governo.

Tendo sido forçado pelo colapso mexicano a dar prioridade à defesa da balança comercial e das reservas,

abandonado o caminho do real sobrelavado, com o que esperava comprar o apoio popular para garantir a aprovação das reformas no Congresso, terá o Planalto uma estratégia alternativa para alcançar o mesmo resultado num prazo mais longo e em circunstâncias marcadamente mais difíceis?

Esta interrogação é simplificada pelos problemas políticos que Fernando Henrique encontrou em seus primeiros cem dias no poder. A reputação de mestre da articulação política que o presidente da República conquistou — como senador, chanceler e ministro da Fazenda

### CRISE DO MÉXICO PROVOCA INQUIETAÇÕES

—, o sucesso do Plano Real e o enorme mandato popular em favor da estabilidade e das reformas tinham criado a expectativa, talvez exagerada, de que o seu governo confirmaria logo de início o novo rumo com um par de vitórias importantes.

As dificuldades de arranque da nova equipe, as divergências surgidas entre os membros do numeroso time econômico, a crise que estourou no partido do próprio presidente e o estilo inicial surpreendentemente discreto do governo frustraram essa expectativa e provocaram uma nova disposição. Ela não chega a ser de cobrança, como a que já existe em alguns setores no Brasil, mas certamente passou a ser mais cautelosa.

Cautela é a recomendação que o economista-chefe do banco de investimentos ING Securities, Arturo Porzecanski, tem feito a seus clientes. Na semana passada, ele perguntou ao chefe da Área Internacional do Banco Central, Gustavo Franco, o que o governo fará para conter o excesso de demanda, onde vê o calcanhar de Aquiles do Real. Franco disse que as medidas necessárias tinham sido completadas com o aumento das tarifas sobre automóveis. A resposta claramente não convenceu Porzecanski.

### DIFICULDADES DE ARRANQUE DA NOVA EQUIPE E SUAS DIVERGÊNCIAS FRUSTRAM AS EXPECTATIVAS

O ministro José Serra confirmou a resposta de Franco a jornalistas brasileiros em Jerusalém. Um banqueiro brasileiro,

que já ocupou postos de responsabilidade no governo, refletiu a mesma preocupação do executivo americano. "O problema da economia é de superaquecimento da demanda", disse. "A restrição a importações pode ser justificável para proteger a balança de pagamentos, mas não é com a redução da oferta que se resolve um problema de diminuição da oferta", disse. Para esse banqueiro, a razão da falta de disposição de Planalto de apertar o consumo é política e perfeitamente compreensível: novos ataques contra a demanda poderiam erodir o prestígio político do governo com a população e dificultar ainda mais o encaminhamento das reformas estruturais indispensáveis para consolidar o real.

A essas dúvidas, soma-se a timidez com que o governo tem vendido seu peixe, dentro de fora do País. "O presidente precisa exercer sua liderança com maior agressividade", disse James Ferrer, o diretor do Instituto de Temas Brasileiros da Universidade de George Washington. O governo certamente pode melhorar também sua comunicação externa.

O perfil baixo que o Brasil exibiu na reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento na semana passada, em Jerusalém, ilustrou o problema. Serra, que representou o País no encontro, foi convincente ao falar sobre as realizações dos primeiros cem dias do governo e explicar as dificuldades no limitado plenário oficial da reunião. Mas deixou de comparecer ao grande evento paralelo, um seminário sobre fluxos de capitais organizado pelo BID para uma platéia de mais de 600 executivos de bancos. A julgar pelas explicações oferecidas pelos burocratas que acompanharam o ministro à sua reunião de estreia num fórum financeiro internacional, o governo não estaria convencido sobre a necessidade de explicar seus esforços, sucessos e desafios além dos dos interlocutores oficiais.

O presidente Fernando Henrique terá amplas oportunidades para desmenti-los na semana que vem durante sua visita oficial aos EUA. Em sua primeira escala, em Nova York, terá pelo menos dois encontros importantes com representantes do setor privado que, tanto quanto a administração Clinton, têm interesse político e econômico no sucesso de seu governo.

José Francisco Diorio/AE



Notícias da fase de decolagem da administração FH provocam nova disposição nos meios oficiais e privados americanos: cautela